



Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, durante solenidade de abertura do 22º Fórum do Instituto Nacional de Altos Estudos

Rio de Janeiro-RJ, 17 de maio de 2010

Perguntei ao ministro João Paulo dos Reis Velloso se podia falar daqui ou se deveria ir lá na tribuna. Ele disse que podia falar daqui. Antigamente, eu teria ido para lá, para não perder a eleição, mas como agora eu não sou candidato, eu posso falar daqui.

Excelentíssimo senhor Paulo de Tarso Vannuchi, ilustre secretário especial de Direitos Humanos,

Excelentíssimo senhor Luiz Fernando de Souza Pezão, ilustre vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Excelentíssimo senhor João Paulo dos Reis Velloso, superintendente-geral do Instituto Nacional de Altos Estudos e presidente deste 22º Fórum Nacional,

Excelentíssimo senhor ministro Paulo Brossard,

Excelentíssimo senhor deputado federal Márcio Fortes, presidente do Conselho Diretor do Instituto Nacional de Altos Estudos, em nome de quem saúdo os demais dirigentes do Inae aqui presentes,

Excelentíssimo senhor Luciano Coutinho, caríssimo amigo e ilustre presidente do BNDE,

Excelentíssimo senhor Carlos Alberto Martins.

Vocês viram que eu falei BNDE, não falei BNDES, mas eu vou explicar para vocês por que. Houve um tempo, quando o BNDES ficava vinculado ao Ministério da Indústria e Comércio, e era ministro da Indústria e Comércio o doutor João Camilo Penna, que é um mineiro ilustre – eu sou mineiro – e nós



torcíamos muito por ele. Na época, o ministro Delfim Netto assumiu o Planejamento, colocou um “S” no BNDE e levou o BNDE para o Ministério do Planejamento. (incompreensível) que eu continuei falando BNDE. Isso seria um despreço ao grande trabalho no campo social desenvolvido pelo BNDE.

Quero cumprimentar, também, o excelentíssimo senhor senador Arthur Virgílio,

Excelentíssimo senhor Carlos Alberto Martins [Muniz], vice-prefeito do município do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar o meu caríssimo amigo, ilustre ministro, doutor Marcílio Marques Moreira, embaixador,

Representantes de entidades de classe e lideranças comunitárias aqui presentes,

Representantes da imprensa,

Demais autoridades federais, estaduais e municipais,

Senhoras e senhores participantes deste 22º Fórum Nacional “Brasil, desenvolvimento de uma sociedade ativa e moderna”.

Para mim, é motivo de imensa satisfação participar do 22º Fórum Nacional presidido pelo ilustre e eminente ministro João Paulo dos Reis Velloso, a quem dirijo minha especial saudação e o meu agradecimento pela honrosa oportunidade deste convívio.

Este encontro é por demais relevante, pela abrangência e atualidade dos temas abordados, cuja dimensão e repercussões podem ser avaliadas pelo alto nível dos conferencistas e pelo elevado número de participantes. A todos estendo os meus cumprimentos pela valiosa contribuição ao debate, que abrilhanta o encontro e elucida questões nacionais.

O atual momento político e econômico brasileiro é propício à reflexão madura sobre a sociedade ativa e moderna, que tem a sua mais expressiva definição no contexto social de cidadania, participação e responsabilidade de



todos. Compromisso é a palavra que sintetiza a promoção de uma sociedade ativa e moderna, em que todos os segmentos assumem a sua parte no encargo de realizar os direitos humanos individuais e coletivos, sem apegar-se à ideia moral da tutela e do favor prestado pelo Estado.

Em uma sociedade comprometida com o bem comum, todos têm participação na vida pública, tanto pelo voto que escolhe o governante quanto pela vigilância permanente da gestão administrativa governamental. É assim que se faz um governo em que eleitores e eleitos caminham juntos e com o mesmo interesse: o de ver a nação progressista, desenvolvida e independente.

Esse modelo de sociedade sabe e deve dialogar, e consegue estabelecer uma relação harmônica quando se depara com interesses diferentes, opiniões divergentes, doutrinas conflitantes, e o diálogo é o instrumento capaz, senão único, de favorecer o consenso que visa ao bem maior, o da nação, que deve estar acima dos proveitos particulares.

Nós todos, que somos brasileiros, temos acompanhado de perto o admirável trabalho realizado pelo presidente Lula na área internacional. Agora, por exemplo, o Brasil acaba de receber uma grande homenagem, com a aceitação desse trabalho realizado brilhantemente pelo presidente Lula na questão ligada aos interesses do Irã, de desenvolver tecnologia para fins pacíficos obviamente, na energia nuclear. Isso era um tema ultrapolêmico, e o Presidente abordou... abraçou essa causa e levou com coragem, com tranquilidade, com simplicidade, mas com muita inteligência e muito otimismo, e acabou conseguindo a realização desse trabalho que foi, vamos dizer, o lado do diálogo, que é, de certa forma, um dos temas básicos deste seminário, esse entendimento entre os três Poderes. O diálogo foi, de certa forma, isso que o presidente Lula defendeu e acabou vitorioso, e o Brasil, hoje, é cada vez mais respeitado no mundo inteiro graças ao trabalho desse cidadão simples que se chama Luiz Inácio Lula da Silva e que é o nosso Presidente.



Assim se dá entre os três Poderes da República, que são harmônicos e independentes entre si, conforme preceitua a Constituição Federal, e de acordo com o exercício das lideranças de cada um dos Poderes no cotidiano, na prática de suas lidas, sem submissão nem subserviência. Isso é a democracia, que pode ter falhas, mas contempla a independência entre os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, e sem independência e diálogo não há convivência que prospere no campo das relações humanas e no Estado.

Um governo não se faz apenas com governantes, por mais bem-intencionados e dedicados que sejam. Um governo se faz com projetos exequíveis, que vislumbrem soluções para um país com a dimensão e as complexidades do Brasil, que podemos resolver com vontade política e ação conjunta em busca do nosso desenvolvimento. Assim é que chegamos a resultados incontestáveis, que demonstram que o governo Lula alcançou objetivos que fizeram da esperança uma realidade, e da expectativa, a retomada do crescimento com geração de empregos.

Oportunidades se criam. Sabemos que, no caso brasileiro, as oportunidades de desenvolvimento se realizam por meio de projetos que definem rumos de um governo que se propõe a atingir patamar de crescimento jamais visto, não por vaidade política, mas por ser imperativo atender aos apelos da sociedade, que quer e precisa evoluir da esperança para a concretização de uma realidade digna e fértil em realizações. Para efetivamente transformarmos a esperança em fatos de que nos orgulhemos, é preciso somar forças e esforços, porque o sucesso de um será a vitória de todos, onde há trabalho conjugado pelo bem comum.

Assim, é imperiosa a união de todos pelo Brasil que construímos juntos e pelo qual assumimos responsabilidade solidária. É fundamental que todas as lideranças conjuguem inteligência e capacidade para a promoção do desenvolvimento que se assenta em ação, trabalho e aliança. As lideranças empresariais, de trabalhadores, sociais, intelectuais, culturais e populares



precisam acionar suas habilidades e meios para desenvolver o Brasil, que não se constrói apenas com ações que o governo pode fazer ou não, mas com o engajamento de todas as lideranças nacionais.

É desse modo que deixamos de ser o sonho do país desenvolvido do futuro para sermos o presente de crescimento que todos podem ver. O sonho brasileiro do Brasil desenvolvido já se transformou em realidade. O Brasil da fome e das doenças ficou no passado. O Programa Fome Zero, que foi criticado por tantos e elogiado por muitos, proporcionou às populações mais carentes o que era mínimo à sobrevivência humana: as três refeições. As campanhas de saúde erradicaram doenças que antes matavam em grande número. O país se desenvolve saudavelmente porque há planos, projetos e realizações e, sobretudo, porque há confiança no que o governo faz e união dos diversos segmentos pelos mesmos objetivos: o de sair da estagnação para o crescimento, e o de deixar o plano das ideias para a execução daquilo que faz bem ao povo e do que ele mais precisa.

Eu confio no trabalho, confio na capacidade dos brasileiros e confio no Brasil. Quem confia ajuda os outros e faz o que é melhor para o bem de todos; reclama do que não está bem, mas não se acomoda; age com consciência de coletividade; não se isola no limitar do cerco de seus interesses. Aqui, este congresso propõe, justamente, que nós todos continuemos discutindo o Brasil, pensando o Brasil, trocando ideias sobre o Brasil, levantando, naturalmente, oportunidades para que o Brasil saia deste potencial gigantesco que possui para uma realidade em favor de todos.

Tem um olho no que é seu – ah, bom, mas aqui eu tenho que ler um pedacinho porque senão vocês não sabem o que é –, age com consciência de coletividade, não se isola no limitar do cerco de seus interesses. Tem um olho no que é seu e outro no que é de todos, para alcançar o sucesso sem perder de vista o sentido de comunidade, o valor do privilégio de ser o que somos.

Sempre que se aborda tema dessa natureza, surgem dúvidas sobre o



regime que melhor propiciaria esse... alcançar esse objetivo que é, em última análise, o bem comum. Mas a verdade é que depois que Deng Xiaoping, com aquela metáfora que ficou famosa “não importa a cor do gato, o que importa é que ele cace o rato”, criou um regime na China, que todo o mundo está admirando o crescimento fantástico experimentado por aquele país de 1 bilhão e 300 milhões de habitantes, um país que ainda possui coisa de 700 milhões de habitantes no meio rural ainda desprovidos de renda *per capita* condizente com os dias de hoje.

Tudo isso aconteceu porque lá, segundo Deng Xiaoping, não importa a cor do gato. Aqui, provavelmente, durante os trabalhos deste encontro, deste congresso de três dias, me parece, muitas questões serão trazidas à tona e, inevitavelmente, questões ligadas a regime, a ideologia. E nós sabemos que isso... É preciso que hoje, mais do que nunca, nós todos saibamos que nós não precisamos ser radicais a favor do Estado ou radicais a favor da iniciativa privada. Nós podemos, perfeitamente, nos utilizarmos do Estado e da iniciativa privada pelo desenvolvimento.

Nós temos, por exemplo... Nós estamos aqui no BNDE. O BNDE foi criado em 1952 por Getúlio Vargas, o mesmo Getúlio Vargas, que no Estado Novo criou a Vale do Rio Doce, criou o Senai, criou a Companhia Siderúrgica Nacional e criou a CLT, a Consolidação das Leis do Trabalho. Isso, nos anos 40, portanto, há 80 anos. Esse mesmo Getúlio Vargas, no período constitucional dele, de [19]51 a [19]54, ele criou, em [19]52, o BNDE, e em [19]54, a Petrobras. E, naquele tempo, tinha estado no Brasil um geólogo famoso, me parece que de origem americana, que assinou um relatório dizendo que o Brasil não tinha petróleo. Então nenhum grupo empresarial, brasileiro ou não, iria assumir a responsabilidade de prospectar petróleo num país em que não havia petróleo, e o Getúlio, através do Estado, criou a Petrobras.

Pois bem, a Petrobras é hoje um dos fatores responsáveis pela nossa



emancipação econômica. Nós passamos um período em que o petróleo estava muito mais alto do que está hoje, e era muito comum, em um período como aquele, o país entrar em dificuldades enormes. Foi aquela decisão do Estado de fazer a Petrobras, então, nós temos que respeitar também o Estado. Mesmo porque a empresa – eu tenho falado isso, mas nunca falei aqui –, a empresa... eu considero a empresa um bem da comunidade, seja ela qual for. Seja uma empresa gigantesca como a Petrobras, seja uma empresa minúscula como uma pastelaria da esquina, todas representam bens da comunidade. Por quê? Qual a razão que a empresa é um bem da comunidade, se o meu sítio, onde eu planto arroz e feijão, é só meu – é uma empresa, mas uma empresinha de nada e é minha –, então, como ela é da comunidade? Isso é comunismo? Não. A empresa é da comunidade porque a empresa é uma fração da economia. Há frações gigantescas, frações estatais, frações privadas, mas todas são frações da economia. A economia é representada por quatro segmentos, que são... ou quatro campos, que são: o setor primário, o setor secundário, o setor terciário e a infraestrutura, e são empresas que representam cada um desses setores.

Então, as empresas são um bem da comunidade, porque são frações da economia. A economia é representada por esses quatro setores: primário, secundário, terciário e infraestrutura. Aí está a economia do país, de qualquer país. Então, são empresas que ocupam esses espaços, e todas elas, portanto, são frações da economia do país.

Daí a razão pela qual nós temos que aprender... E essa é uma das razões pelas quais o Brasil ainda não saiu dessa condição de país em desenvolvimento, porque o Brasil possui condições excepcionais, incomuns, inigualáveis, em termos de recursos naturais e também de recursos humanos. O Brasil possui água, terra e sol como nenhum outro país do mundo. Além disso, o Brasil possui uma população versátil. A própria miscigenação da nossa raça nos confere essa versatilidade extraordinária, a facilidade que o brasileiro tem para aprender, adaptar-se. Brasileiro adapta-se facilmente a fatos novos,



então, tem um potencial muito grande para receber orientação no campo do conhecimento tecnológico e também na formação profissional. Por isso é que o presidente Lula tem estado atento à questão das escolas federais – escolas técnicas federais – para justamente o Brasil entrar em um momento em que vai ministrar conhecimento, para que o cidadão exerça uma profissão para a qual foi preparado, porque, como disse, recursos naturais não nos faltam. Nós possuímos recursos naturais de forma incomum, o mundo inteiro nos admira.

Agora, além desses recursos naturais, de terra, água e sol, nós temos a Embrapa, que é a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. A Embrapa é uma empresa que está, hoje, prestando serviço em vários outros países do mundo, inclusive na África. Quando chega um dirigente de um país desses da África, que já recebeu os trabalhos da Embrapa, o que eles falam da Embrapa é uma coisa admirável, mais do que o que nós falamos aqui. Então, eles estão agradecidos pela decisão do Presidente de determinar que a Embrapa lhes prestasse serviço. Então, esse é o Brasil que nós possuímos, o Brasil que está ganhando um novo patamar na concepção internacional.

Hoje o Brasil é um país conhecido e respeitado em toda a parte, desde o Extremo Oriente, passando pela África e pelo Oriente Médio, também pela Europa Leste, além da Europa Ocidental, e também na nossa região – América do Sul, América Central, América do Norte –, em toda parte. O nosso Presidente chega e é respeitado, é ouvido. Então, isso é muito bom para o Brasil, isso dá força para o Brasil continuar nesse trabalho admirável, que tem sido o trabalho de um cidadão simples, de um torneiro mecânico, dando mais uma prova de que ninguém, pelo fato de ser de origem humilde, deve ser objeto de subestima por quem quer que seja. Então, isso é muito bom para o Brasil, o Brasil está bem.

Eu quero aproveitar a oportunidade para cumprimentar, mais uma vez, o ministro João Paulo dos Reis Velloso, pelo trabalho que ele desenvolve na realização deste seminário, deste encontro, deste congresso. Há muitos anos



ele se dedica a este trabalho. Este é um trabalho muito bom, é uma oportunidade que todos que dele participam têm para discutir questões de interesse nacional. É importante essa participação.

Da forma que foi posta agora, neste congresso, abre espaço para que todos os segmentos da sociedade aqui estejam para conversar, trocar ideias, trazer informações, dialogar, enfim, trabalhar pelo Brasil, trabalhar pelo futuro do Brasil.

Então, eu quero concluir, reiterando o meu abraço de parabéns a todos vocês que foram convidados para participar do encontro, e esse meu abraço especial ao ministro João Paulo dos Reis Velloso, este cidadão brasileiro que todos aprenderam a admirar e a respeitar. E quero também desejar que o congresso seja revestido do mais alto sucesso, porque é importante que, no momento, se discuta o Brasil e tudo aquilo que diga respeito ao interesse nacional pelo desenvolvimento, desenvolvimento como meio para que se alcancem os objetivos sociais.

A economia, aquela de que eu falei, dos quatro componentes – setor primário, secundário, terciário e infraestrutura –, as empresas, não são um fim, elas precisam ser prósperas. Por quê? Porque nós queremos uma economia próspera, forte, independente. Para quê? Para que se alcancem os objetivos sociais, para que se alcance o bem comum. Para isso, é preciso que aquelas frações o sejam. As frações têm que ser prósperas, fortes, independentes.

Então, nós temos que aprender, no Brasil, a aplaudir a prosperidade empresarial, a aplaudir o lucro das empresas, o crescimento delas, porque assim é que nós vamos alcançar o espaço que nos leve a alcançar os objetivos que estão aí, dispostos, para que o Brasil lá chegue, e vamos chegar.

Muito obrigado, ministro Reis Velloso, pelo convite. Muito obrigado a todos pela atenção que me dispensaram. Me deram 15 minutos, eu acredito que tenha falado 12, então vou ficar credor de três.

(\$22A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa**

Discurso do Presidente da República em Exercício
